

**AUTORITARISMO E LIBERDADE NA OBRA *A CASA DA MADRINHA*, DE
LYGIA B. NUNES**

SILVA, Carionice Costa
SEGABINAZI, Daniela
Universidade Federal da Paraíba

RESUMO

Este artigo tematiza a configuração do autoritarismo e da liberdade na obra *A Casa da Madrinha*, de Lygia Bojunga Nunes, observando a influência do contexto histórico, social e político apresentados no decorrer da narrativa e na representação das personagens. Assim, o objetivo é analisar e mostrar como no enredo, nos cenários e nas personagens estão representados, simbolicamente, os elementos paradoxais do autoritarismo e da liberdade, sejam eles provenientes de uma relação familiar e social ou até mesmo histórica, se projetarmos a obra da autora para seu momento de produção, isto é, denúncia da realidade brasileira nos anos do período militar. Para tanto, nos embasamos, sobretudo, nas análises de Fico (2004), Zilberman e Cademartori (1987) e sob as reflexões de Zinani (2010) como apoio teórico.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Ditadura Militar. Símbolo

INTRODUÇÃO

Este artigo objetiva analisar a configuração representativa da autoridade e liberdade na obra **A Casa da Madrinha**, de Lygia Bojunga Nunes, através da análise da citada obra, além da influência que a realidade social daquele momento histórico *pôde* exercer sobre essa obra, sobretudo, dos anos de Ditadura Militar Brasileira. No entanto, vale ressaltar que para que possamos observar esses elementos na obra é preciso uma leitura mais atenta, pois tais elementos encontram-se, no romance, representados por símbolos que em detrimento do momento histórico não pôde ser explicitados na obra. Com isso, podemos inferir que numa obra literária podem existir diferentes leituras; no entanto, sua leitura não será única, ou melhor, terão múltiplos significados. Contudo, essas multiplicidades de sentidos estão interligadas aos elementos que se encontram inseridos em determinado contexto social. Cabe, portanto, ao leitor, observar tanto a leitura de mundo, a sociedade, quanto à leitura da palavra, o texto; não devendo, entretanto, partir necessariamente nessa ordem. Sobre o ato de ler, Paulo Freire (1991) discorre:

O ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquela. (FREIRE,1991, p.11/12)

A partir da citação acima, percebemos que tanto a leitura de mundo, a social, quanto a leitura da palavra, a escrita, estão interligadas, não impedindo, portanto, a continuidade desta ou daquela. Podemos fazer uma relação dessa *leitura* com a *leitura literária*, a primeira denota um sentido restrito, singular e a segunda é rica em pluralidade, multiplicidade. Contudo, para que se completem em significados, uma depende da outra para existir.

Em *A Literatura e a Vida Social*, de Antônio Cândido (1985), o autor discorre que, segundo o ponto de vista sociológico, a arte na sociedade pode ser dividida em dois grupos: a arte de agregação e a arte de segregação, em que o mesmo autor relaciona agregação à integração; e segregação à diferenciação. As tendências agregação/integração estão relacionadas com o costumeiro, tradicional, cultural, enfim,

o já estabelecido numa sociedade; essa arte é mais acessível à população, portanto, está relacionada à coletividade. No que concerne às tendências segregação/diferenciação estão ligadas à renovação, a inserção de novos recursos expressivos, ao peculiar; com isso destacando-se dos demais na sociedade. Contudo, é menor seu número de receptor, Cândido ressalta ainda que para que a arte sobreviva dependerá do equilíbrio entre as duas tendências (agregação e segregação).

Por nosso foco principal estar relacionado à Literatura Experimental dos anos 70, sobretudo à de Lygia Bojunga Nunes e o Regime Militar no Brasil, podemos comparar as características dessa literatura com as tendências literárias segregação/diferenciação por tratar-se de uma arte inovadora, carregada de significados, além de diferir do tradicional da época. Esse tipo de literatura por ser endereçada ao público infantil, na época, passou despercebido da censura, pois a autora usou de vários recursos linguísticos para implicitamente se expressar denunciando, criticando, enfim, abordando temas que retratava aquela realidade. Este trabalho, portanto, objetiva mostrar como a arte literária, representada na obra **A casa da madrinha**, trabalha com questões relacionadas ao período da Ditadura Militar Brasileira, a partir do enredo e das personagens apresentadas simbolicamente no texto de Lúcia Bojunga Nunes. Para que entendamos melhor a obra será necessário conhecermos, sucintamente, o contexto social, histórico e político da época.

CONTEXTO HISTÓRICO, SOCIAL E POLÍTICO

O Regime Militar no Brasil perdurou até a metade década de 80. Nesse percurso, os presidentes que sucederam Castelo Branco foram: Costa e Silva (1967-1969), Médici (1969-1974), Geisel (1974-1979) e Figueiredo (1979-1985). Dentre os sucessores em questão o que ficou em evidência foi o governo do presidente Médici (1969-1974), que insere o A-15, esse período de governo foi também chamado de “anos de chumbo”, pois foram momentos que marcaram a época da ditadura. Se o país já vivia momentos de guerra civil, nesse momento se intensifica, cresce o temor e a violência tanto urbana quanto no campo. Todos os setores são investigados pelo governo, os meios de comunicação, teatro, cinema, escola, a música. Além disso, muitos foram presos, torturados e exilados do país, principalmente aqueles que tinham maior entendimento intelectual a exemplos de professores, artistas, políticos, músicos, escritores e estudantes.

Para as autoras Lajolo e Zilberman (1988), foi a partir dessas ações que foi dada a resposta do governo aos protestos e reivindicações tanto dos políticos quanto ao povo, em outras palavras, foi através do A-I5 que foi aprimorado, legitimado e ilimitado o poder do governo sob seus opositores incluindo a violência.

É nesse contexto que a maioria dos artistas procuram ser mais criativos, forma discreta de se expressar sem chamar a atenção dos ditadores da época. É a partir desse momento que se encaixa a Literatura infanto-juvenil, já que outros meios de comunicação e de expressão eram óbvios demais; então, a literatura infantil passou a ser uma forma *inocente* de expressão, tratava-se, pois, de obras para criança e jamais os opressores iriam supor que se tratava de temas tão sérios, temas denunciativos.

Segundo Novaes Coelho (2004), esse período de criatividade artística, que envolve, não apenas a literatura, mas toda área artística foi denominado “Boom” da Literatura Infantil Brasileira. Nesse contexto, é construída a literatura experimental ou experimentalismo, ou seja, os escritores se valem da criatividade com finalidades de retratar a realidade. A preocupação não se dá apenas nesse campo, mas no psicológico, seria uma literatura que já vinha sendo trabalhada, porém a partir dos anos 70 se consolida. Apesar da repressão ditatorial em que artistas e escritores não podiam se expressar, a literatura infantil foi de fundamental importância, também para migração da grande maioria de escritores que até então se dedicavam ao público adulto. Sobre essa nova literatura Novaes Coelho (2004) comenta:

Compreende-se, pois que o alerta a criatividade e a conscientização crítica seja a palavra de ordem mais recente. O amanhã já começa a ser construído hoje. Compreende-se também que o chamado Boom da Literatura Infantil Brasileira, a partir dos anos 70, tenha sido gerado mais por uma questão vital/ existencial do que por razões meramente estáticas ou didáticas. (NOVAES COELHO, 2004, P.263)

Para a autora não foi nenhuma novidade o surgimento desse novo modelo de literatura, entende-se que já existia, mas precisava ser difundida, aprimorada. É, então, nesse tipo de literatura que se insere a obra de Lígia Bojunga Nunes, que se destaca por retratar a realidade da época, através das figuras de linguagens, alegoria, metáfora, o simbolismo, etc. A autora, além de retratar a realidade, interfere no psicológico dos personagens representando o inconformismo, a forçosa lavagem cerebral do povo na ditadura, ou seja, a obediência imposta. Uma de suas obras que demonstra claramente

isso é o romance **A Casa da Madrinha**, no qual podemos constatar alguns personagens que representam o povo brasileiro, a exemplo do pavão que, alegoricamente, representa a massa popular em geral, o qual passou por vários cursos de estagnação de pensamentos, ou melhor, ele teria que pensar apenas aquilo que seus donos quisessem. O romance não só traz críticas sociais, como também aborda temas polêmicos como o preconceito social, a malandragem de um ser se sobrepor a outro objetivando vantagem própria, além de representar o povo sonhador, através do menino Alexandre. Portanto, intertextualidade, metalinguagem, além da influência linguística e o abandono da onisciência, ou seja, do ponto de vista tradicional da história infantil para dá espaço à interação autor e leitor, formou-se uma nova literatura infantil.

LYGIA BOJUNGA NUNES E SUA LITERATURA

Lygia Bojunga Nunes nasceu em Pelotas (RS), e aos oito anos de idade passa a morar no Rio de Janeiro, “... ao nos mudarmos para o Rio, fomos morar em Copacabana e eu logo me entreguei ao mar, à praia e a vida do bairro de tal maneira que parecia até que o planeta Terra tinha um só nome: Copacabana” (BOJUNGA). Conforme os dados retirados do site [casalygiabojunga](http://casalygiabojunga.com.br), o encantamento da menina Lygia pela natureza carioca se dá cedo. Aos 14 anos a Escritora se interessa pela vida religiosa, entra para um internato de freira em Minas Gerais, mas durante o período de férias e na iminência de tornar-se noviça, apaixona-se e desiste da vida religiosa.

Mais tarde a escritora deixa de atuar, abandona a carreira de atriz e passa a escrever para o rádio e a televisão. “[...] naquele tempo escrever/criar personagens era, pra mim, uma forma de sobreviver e de poder construir a casa que eu queria para morar (Boa Liga)...” (BOJUNGA), em outras palavras, para a autora entrar nessa área, na época, era sob o intuito do *sobreviver*; ganhar dinheiro para viver. Continua Bojunga: “Só depois, quando eu abracei a literatura, é que eu me dei conta que escrever/criar personagens era muito mais que um jeito de sobreviver: era – e agora sim! – o jeito de viver que eu, realmente, queria pra mim.” (BOJUNGA) Ou seja, no início a Autora escrevia para *sobreviver*, pela necessidade; agora, num segundo momento, ela tomou gosto pela escrita; atingiu, portanto, a maturidade e uniu o sobreviver com o viver, ou melhor, escrever, para a Escritora, também se tornou algo prazeroso.

Em 1982, Lygia Bojunga Nunes se muda para a Inglaterra, mas logo percebe que não pode deixar de ouvir sua própria língua, e passa a morar entre o Rio e Inglaterra; “Foi lá que compreendi por inteiro que o escritor é cidadão da sua língua...”(BOJUNGA). Mesmo, antes ter deixado de atuar, em 1988, a Autora escreveu e apresentou o monólogo **Livro**, projeto chamado de *As Mamembadas*, que foi apresentado em palcos de bibliotecas, universidades e espaços culturais do Brasil como também no exterior.

Contudo, foi em 1972, que a Autora estreia no mundo literário, com a obra **Os Colegas**, e, no ano seguinte, 1973, recebe o Prêmio Jabuti. De lá para cá já são trinta e seis (36) prêmios recebidos, dentre eles os mais importantes prêmios e a nível internacional: a Medalha Hans Christian Anderson (1982), o prêmio IBBI (Internacional Board on Books for Young People), considerado o Nobel da Literatura Infanto-Juvenil Brasileira; e em Memória de Astrid Lindgen (ALMA – Astrid Lindgen Memorial Award), recebido em 2004 pelo governo sueco.

Além da obra citada acima, Lygia Bojunga Nunes escreveu: **Angélica** (1975), **A Bolsa Amarela** (1976), **A Casa da Madrinha** (1978), **Corda Bamba** (1979), **O Sofá Estampado** (1980), **Tchau** (1984), **Meu Amigo Pintor** (1987), **Nós Três** (1987), **Livro, Um Encontro** (1988), **Fazendo Ana Paz** (1991), **Paisagem** (1992), **Seis Vezes Lucas** (1995), **O Abraço** (1995), **Feito à Mão** (1996), **A Cama** (1999), **O Rio e Eu** (1999), **Retratos de Carolina** (2002), **Sapato de Salto** (2006), **Aula de Inglês** (2006) e **Querida** (2009).

De acordo com Sandroni (1987), Lygia Bojunga Nunes, sucessora de Lobato na Literatura Infanto-Juvenil, faz parte dos artistas que iniciaram o Experimentalismo no Brasil, movimento de inovação artística na década de 70, no qual a literatura foi usada para desempenhar um papel sócio ideológico na sociedade daquela época; época esta que nem todos que se inseriram no meio literário permaneceram. Porém, Lygia Bojunga Nunes se destacou dentre tantos por sua inteligência e percepção de mundo, não apenas o mundo infantil, mas dos adultos, até porque sua literatura não delimita o leitor pela idade.

Assim como Lobato, a Autora se utiliza de animais e objetos personificados para representar um determinado tipo na sociedade; além disso, tece conflitos relacionados à realidade e ao momento histórico de cada época. A inovação ou transgressão nas obras

de Bojunga não acontece apenas no que diz respeito à realidade, como já citado, mas no interior de seus personagens, e é isso que, numa leitura mais atenta, faz o leitor se identificar com seus personagens, lidando como o medo, a dor, o preconceito, a morte, enfim, suas obras geralmente abarcam temas universais e sociais. Ao tecer comentários sobre a literatura de Lygia Bojunga Nunes, Sandroni (1987) diz:

A transgressão, a que nos referimos como algo inerente ao criador, é o rompimento de um hábito que implica, evidentemente, a existência de uma norma a ser seguida. O rompimento do equilíbrio é elemento de tensão que cria novas tensões. Essa transgressão voluntária refere-se à busca do novo e à contestação dos valores passados. Toda obra literária contém elemento de transgressão: instaura a reflexão crítica quando retrata ou representa determinado momento histórico, mesmo sem contestar abertamente seus valores; ou quando, com inovações dos fatos linguísticos, conduz à teoria e à prática de uma escrita que pretende corroer e destruir as convenções, as normas e os valores sócio-culturalmente aceitos como característicos da literatura. (SANDRONI, 1987,P.101)

A citação acima caracteriza bem a literatura de Lygia Bojunga Nunes, no que concerne a criação de suas obras. Assim, para que se crie algo novo, se faz necessário romper com o passado, com as normas e convenções existentes, é claro que surgem contestações à quebra do passado, do habitual. Portanto, se instaura reflexão, é porque alguém pensou sobre o tema, ou seja, existe reação do leitor. Ainda, Sandroni (1987) discorre que, ao mesmo tempo em que a arte encanta, é mágica e também denuncia, crítica, inventa e reinventa, além de proporcionar ao leitor uma visão mais ampla e profunda sobre determinado tema, seja ele social, cultural, histórico, político, etc.

Assim como os temas relevantes abordados nas obras de Lygia Bojunga Nunes, é de muita importância mencionar os aspectos linguísticos em suas obras. A princípio percebemos as estratégias do uso das figuras de linguagem; depois, a linguagem coloquial, ou seja, é uma forma de fácil acessibilidade às crianças. A Autora se utiliza da contração ou redução da palavra, por exemplo, para (pra), embora (s'embora), estou (tô). Dificilmente vemos, em suas obras, um assunto ser diretamente retomado através dos elementos de coesão:

“- Eu tô viajando, tô indo pra casa da minha madrinha.” (BOJUNGA, 2000,p.16)

“[...] Alexandre estava morrendo de medo, foi em frente foi s’embora, e onde ele ia indo ia tudo sumindo.” (Lygia Bojunga Nunes, 2000, p.16,18)

Sobre a linguagem coloquial nas obras de Lygia Bojunga Nunes, Sandroni(1987) afirma que esse tipo de linguagem nas obras da Autora foi assumida por ela e, portanto, não significa empobrecimento da língua, e sim sua capacidade de criar e recriar um universo verbal dentro do contexto da criança e que, além disso, este é um meio de colocar a criança frente a frente com a riqueza de sua própria língua. Ainda, segundo Sandroni, (1987), esse seria um meio da Autora se aproximar do leitor em formação, assim como aconteceu nas obras de Lobato, e que essa mesma linguagem deveria iniciar-se na escola através da norma culta escrita, objetivando o seu uso no meio cultural. Para que possamos conhecer melhor esse tipo de literatura vejamos a seguir o enredo e a análise literária da obra de Lygia Bojunga Nunes.

ANÁLISE LITERÁRIA DA OBRA A CASA DA MADRINHA

Primeiramente, apresentamos sucintamente o enredo da obra **A Casa da Madrinha**. A narrativa inicia com a personagem Alexandre, um menino pobre que vendia balas nas ruas para sobreviver. Alexandre, antes de dormir ouvia as histórias do irmão, Augusto. Um dia, Augusto falou da casa da madrinha de Alexandre, ele ficou fascinado. Resolveu ir à procura da casa da madrinha. Uma casa que Alexandre idealizava ser fantástica, pois essa casa podia suprir todas as necessidades de Alexandre. Ele segue viagem, no caminho encontra o Pavão, que estava meio atônito das ideias, por ser vítima dos pensamentos reprimidos. O Pavão não falava nada com nada, só às vezes ele voltava ao normal. Os dois seguem viagem, chegam a uma cidade do interior e começam a fazer show nas ruas para poder se alimentar. Quando Alexandre está se apresentando conhece Vera, uma menina de classe média. Ela gosta de Alexandre e o convida para ficar um tempo na casa de ferramenta do pai. Todos os dias, Vera leva comida para Alexandre e o Pavão. Porém, seus pais resolvem separá-los, pois acham que está na hora de Alexandre ir embora. Além disso, acham que Alexandre é um menino que vive à toa, devido às características dele. Alexandre se aborrece, porque Vera diz que a casa da madrinha não existe. Eles discutem, mas na hora de dizer tchau, Alexandre inventa o cavalo Ah, um cavalo imaginário. Chegam juntos à casa da

madrinha, Alexandre consegue encontrar a chave que se encontra na flor amarela, que está no peito da porta azul. Ficam maravilhados com tudo que encontram dentro da casa: a cadeira, que não deixava ninguém sentar nela sem pedir licença; o relógio de pé, que samba as horas; o armário de madeira clarinha, que realizava o sonho de consumo de qualquer pessoa que pensasse numa roupa ou um sapato e o armário branco, que não deixava ninguém sentir fome, que logo faz aparecer comida. Na volta, Vera e Alexandre quase não inventa mais o cavalo Ah; porém, conseguem e voltam. No entanto, Vera acha que vai passar pelo mesmo caminho que passou antes; mas não passa, dá de cara com a cerca feia, alta e cheia de espinhos.

Assim, dando prosseguimento as discussões e análise, retomaremos o enredo para dá ênfase ao título da obra **A Casa da Madrinha**, que apresenta significado importante para nossa cultura, pois remete ao nascimento de um filho em que os pais logo imaginam quem serão seus padrinhos (madrinha e padrinho). A figura dos padrinhos, em nossa tradição, leva em consideração a posição social e financeira dos mesmos, geralmente são mais abastados que os pais, daí o significado da casa da madrinha ser fantástica, pois, possivelmente lá existe tudo ou quase tudo que o afilhado não tem.

A partir do significado do título A Casa da Madrinha, podemos expor as configurações representativas, através das personagens mais relevantes no enredo, os quais, simbolicamente, configuram o autoritarismo e a liberdade na obra. Em primeiro lugar, um dos personagens que se destaca é o Pavão, figura alegórica que representa, simbolicamente, a vítima da autoridade. O Pavão era um animal muito bonito e inteligente, pois tomava suas próprias decisões. Quando seus donos perceberam que vinham pessoas de todos os lugares para ver o Pavão se exibindo, começaram a cobrar, mas não queriam saber se o Pavão queria ou não, “O Pavão não tem nada que topou ou não topou esse negócio da gente cobrar entrada; a gente é que é dono, a gente é que resolve, pronto!” (BOJUNGA, 2000, P.23). O Pavão não topou e ficou muito zangado, seu sonho era viajar de navio e conhecer o mundo. Seus donos resolveram colocá-lo na Escola Osarta dos Pensamentos (atraso dos pensamentos). Nessa escola existiam três cursos: O Curso Papo, o Curso Linha e o Curso Filtro. “O Curso Papo era pra isso mesmo: Pro aluno ficar com medo de tudo.” (BOJUNGA, 2000, P.24) O Curso Papo era equivalente a uma lavagem cerebral, quando o sujeito não tinha jeito, passava para o Curso Linha. No Curso Linha se costuravam os pensamentos, o Pavão só podia pensar o

que os donos queriam, mas não deu certo, porque o Pavão puxou tanto que rompeu a linha. Já no Curso Filtro, colocaram um filtro na cabeça do Pavão para ele pensar pingado, mas a torneira estava com defeito de fábrica, porém, às vezes, o Pavão ficava normal. Portanto, o personagem Pavão, na obra, representa alegoricamente o povo da época, que tinha que pensar o que fosse ditado.

Ainda como configuração representativa do abuso do autoritarismo, na obra, se encontra a segunda personagem, a professora, por representar uma classe profissional, que vivia sob vigilância, na época. Ela era jovem, tinha uma maleta velha carregada de novidades e todos os dias suas aulas eram diferentes. Sua maleta do lado de fora já era caracterizada com o desenho de um menino e de uma menina. “[...] a maleta era velha, meio estragada, e de um lado tinha um desenho de um garoto e uma garota de mãos dadas, vestindo igual, cabelo igual, risada igual.” (BOJUNGA, 2000, P.37). Podemos dizer que a professora representa, através da bolsa, a igualdade de gênero. A professora gostava de ver todo o mundo contente, cada dia, ela trazia uma novidade, a mala era cheia de pacotes de vários tamanhos e cores. Através da cor dos pacotes, os alunos sabiam que tipo de aula seria: “Pacote azul era dia de inventar brincadeira de juntar menina e menino. Pacote cor-de-rosa era dia de aprender a cozinhar.” (BOJUNGA, 2000,37) Percebe-se que, para a professora não existia diferenças entre homem e mulher, todos eram iguais. Todos os dias as aula eram diferentes, ela ensinava a cozinhar, costurar, e geografia era ensinada brincando de trem; porém, um dia cada um tinha que contar sua história de vida. Quando Alexandre começou a contar sua história, entrou uma mãe na sala e não gostou do que viu. “- A senhora está querendo ensinar meu filho a ganhar a vida vendendo amendoim?” (BOJUNGA,2000, P.38). A professora quando apareceu no dia seguinte, não trazia a bolsa consigo, estava triste, calada e com o rosto inchado. Alexandre diz: “- A chuva molhou sua cara. – Foi chuva?” (BOJUNGA, 2000, P.39). Neste caso, a chuva simboliza as lágrimas no rosto da professora; e, relacionando com a realidade da época, anos 70, os professores também eram perseguidos nas escolas, os quais não podiam inventar.

Contudo, contrariando a configuração representativa do autoritarismo, na obra, percebemos através do relacionamento de Vera, e Alexandre, personagem principal, a configuração da liberdade. Já que a narrativa se dá em torno desses dois personagens, ou seja, está voltada para o relacionamento dos dois, pois eles descobrem juntos o amadurecimento da fase adolescente à adulta. A obra trabalha a partir do ponto de vista

que expressa elementos psicológicos dos personagens no que diz respeito à descoberta da fase adulta, como lidarem com a sexualidade, o antes e o depois dessa experiência.

A descoberta sexual acontece a partir do desentendimento de Alexandre e Vera. Na verdade, pelo fato de meninas amadurecerem mais cedo, Vera tem coragem de trazer Alexandre para a realidade, contando-lhe que a casa da madrinha é inexistente, pura fantasia. Alexandre se zanga, porém, no fundo, sente essa realidade, tanto que espontaneamente entra no imaginário inventando o cavalo Ah, forma de se ligar a Vera.

O personagem cavalo, criado pela a Autora, não foi por acaso. É a marca de mais uma correlação com o momento histórico por que o país passava: a cavalgada dos militares nas ruas tentando deter os jovens. Além disso, existe a simbologia da relação do galope com os movimentos do ato sexual, já que os adolescentes estavam descobrindo, juntos, essa nova experiência em suas vidas. Só para ilustrar, quem não lembra a música de Roberto Carlos “cavalgada”, na qual o cantor descreve conotativamente, o ato sexual. A música, portanto, lançada nesta mesma época em que foi escrita a obra **A Casa da Madrinha**, um ano antes do lançamento do livro, 1977.

Ah, o nome do cavalo, também não foi aleatoriamente, todos que andam a cavalo, sobretudo no interior, utilizam-se dessa interjeição, dando voz de “avante” para o cavalo avançar. Alexandre ensina Vera como chamar Ah, ela não entende e não consegue chamar sozinha, mas quando o chama juntos, o cavalo aparece e viajam para outra dimensão, ou seja, o outro lado da casa, o qual era proibido de ser atravessado. Esse momento era a descoberta da sexualidade. “Vera fechou os olhos: não queria ver mais nada. Mas quem sabe era sonho e abrindo os olhos passava? Abriu. E viu a cerca bem na frente. Alta. Cheia de espinhos. Feia. Pra todo mundo ficar com medo e não passar.” (BOJUNGA,2000,P. p.77). Ou seja, Vera não acreditou no que estava acontecendo.

A cerca feia e cheia de espinhos representa a fronteira, o tabu que existe quando se trata de sexo, principalmente naquela época, a cerca era a realidade. O escuro que havia no outro lado da cerca, ficou iluminado, porém, ao chegarem em casa, percebem que o escuro tinha mudado de lado. Significa que antes o escuro existia no outro lado, porque era o mistério a ser desvendado; e quando mudou de lado, continuou outro mistério, que só poderão desvendar quando atingirem a quarta fase, a velhice.

Quando o narrador cita: “Os três foram baixinho, baixinho, os pés foram tocando no chão, as pernas já não tinham onde montar.” (BOJUNGA,2000,P.78), significa que

voltam à realidade. Alexandre encontra a chave que estava na flor, que significa o crescimento interior, a autonomia de ir e vir, enfim, um menino que se tornou um homem. Entretanto, já pode ganhar do medo, como disse Augusto que, quando ele colocar a chave no bolso, ganharia do medo. “E quando um dia eu te perguntei quando é que eu ia ganhar dele (do medo) você disse que era quando eu tivesse a chave no bolso.” (BOJUNGA, 2000,P.43).

Por fim, vimos que o enredo na narrativa de **A Casa da Madrinha**, de Lygia Bojunga Nunes, se desenvolve a partir dos personagens: Alexandre, um menino pobre que sai à busca da casa da Madrinha; Vera, uma adolescente de classe média, que se apaixona por Alexandre; João das Mil e Uma Namoradas, um marinheiro malandro, que sequestra o Pavão; Seu Joca, um velho que rouba o Pavão do zoológico para desfilar na escola de samba. Os animais personificados: o Pavão, que é vítima de ter os pensamentos reprimidos, não podia pensar o que queria e a Gata da Capa, uma gatinha vira-lata, que vivia escondida num porão porque tinha medo de ser discriminada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo de nosso foco de estudo, símbolo, Literatura Infantil e momento histórico, podemos perceber que aparentemente a Literatura Infantil nos transmite uma *ideia inocente* em seu conteúdo. Porém, nesse sentido, vemos como um instrumento de difusão ideológica, que reivindica, critica, denuncia, como foi na época da Ditadura Militar Brasileira. No que diz respeito ao momento histórico em que foi escrita a obra **A Casa da Madrinha**, de Lygia Bojunga Nunes, podemos perceber as possíveis influências daquele contexto histórico-social sobre a obra através das representações simbólicas que podem fazer parte do momento por que o país passava. Além dessas representações simbólicas, percebem-se também, através das atitudes das personagens que representam o povo daquele momento, ações não condizentes com aquele meio, o que nos faz inferir que é mais uma estratégia de transgressão da Autora em sua obra.

Podemos, portanto, perceber a importância dos fatores histórico-sociais para construção dos símbolos representativos da autoridade e liberdade na obra citada. Ainda sobre o contexto histórico, momento de repressão e censura, a simbologia foi de fundamental importância para construção do enredo da obra, pois esse seria o único método adotado para que a obra passasse despercebida da censura das autoridades da

época. Por isto, este trabalho foi fundamental para que pudéssemos perceber a influência do meio sobre a obra, que estão relacionados texto e contexto, além de nos dar oportunidade de refletir sobre o papel dos elementos representativos na literatura. Podemos, contudo, relacionar o momento atual com o tempo em que a obra foi escrita, o que permanece e o que evoluiu durante esse período.

Apesar de que, se fizéssemos uma análise daquele tempo com a atualidade, certamente perceberíamos o quanto o que era proibido banalizou-se. Percebe-se, inclusive, que muitos já chegaram a dizer que sentem saudades daqueles tempos. Vale ressaltar que essa saudade não tem nada a ver com o autoritarismo, mas com uma autoridade sadia, de impor limites de censura, sobretudo ao se pensar na juventude e seus comportamentos. Além disso, ninguém sente saudades de ser vigiado. Porém, a liberdade atualmente extrapolou todos os limites possíveis, principalmente no que diz respeito às cenas televisivas, que escancaram as mais sórdidas cenas de intimidades. Ou seja, uma cópia fiel do que está acontecendo na realidade. Enfim, é a arte imitando a vida, e os jovens imitando a arte, sem censura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOJUNGA, Lygia. **A Casa da Madrinha**. 18ª Ed. Rio de Janeiro: Agir, 2000.
- CADEMARTORI, Lígia. **O que é Literatura Infantil**. 3ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CÂNDIDO, Antônio. **Formação da Literatura Brasileira**. São Paulo: Itatiaia, 1975.
- _____, Antônio. **Literatura e Sociedade**. 7ª Ed. São Paulo: Nacional, 1985.
- COELHO, Nelly Novaes. **A Literatura Infantil**. 3ª Ed. São Paulo: Global, 1984.
- COUTO, João de Paulo. **Revolução de 1964**. Porto Alegre: Gente do Livro, 1999.
- FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 1991.
- FICO, Carlos. **Além do Golpe**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- LAJOLO, Marisa e Regina Zilberman. **Literatura Infantil: História e Histórias**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1988.
- SANDRONI, Laura. **De Lobato a Bojunga: Reinações Renovadas**. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert e Salete Rosa Pezzi dos Santos. **Multiplicidade dos Signos**. 2ª Ed. Rio Grande do Sul: EDUES, 2010.

ZILBERMAN, Regina e Lygia Cademartori Magalhães. **Literatura Infantil: Autoritarismo e Emancipação**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1987.

(Entrevista à Lygia Bojunga Nunes. Disponível em WWW.casalygiabojunga.com.br acesso em 21/01/2014).

(A Literatura Infantil como instrumento de denúncia da Ditadura Militar. Disponível em pos-graduacao.ascom.uepb.edu.br/ppgli/?wpfb_dl=259 acesso em 20/12/2013).